

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



**Ciências da
Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-204-3

DOI 10.22533/at.ed.043192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 28 artigos que aproximam as reflexões teóricas da prática cotidiana profissional e trazem importantes contribuições para a área da comunicação.

Dividido em três núcleos temáticos, o livro reúne aportes teóricos sobre os movimentos sociais e ações coletivas e apresenta pesquisas referentes à democratização da comunicação, ao papel do jornalismo alternativo na sociedade e às formas de financiamento da imprensa baseadas em novos modelos de negócio. A obra também traz algumas análises de coberturas jornalísticas, uma pesquisa sobre o interagendamento e contra-agendamento midiático de acordo com os conceitos de Maxell McCombs e Luiz Martins da Silva e reforça a importância da crítica para o jornalismo.

A partir do segundo núcleo temático, o leitor encontrará pesquisas sobre o posicionamento da mulher na sociedade e a sua imagem na mídia. As pesquisas discutem a diversidade na perspectiva do gênero, a formação de estereótipos na comunicação audiovisual, os desafios enfrentados pelos imigrantes e a representação de diferentes culturas pelos meios de comunicação. Por fim, o último núcleo temático reúne pesquisas referentes à comunicação organizacional, às estratégias voltadas aos diferentes públicos e às construções discursivas realizadas pelas organizações.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NO CASO BRASILEIRO	
Carlos Henrique Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.0431925031	
CAPÍTULO 2	12
“O JORNAL BURGUEÊS CONSEGUE FAZER-SE PAGAR PELA PRÓPRIA CLASSE TRABALHADORA QUE ELE COMBATE SEMPRE”: FINANCIAMENTO E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE NO JORNALISMO SEGUNDO LÊNIN E GRAMSCI	
Willian Casagrande Fusaro	
Manoel Dourado Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.0431925032	
CAPÍTULO 3	21
DA IMPRENSA SINDICAL PARA A IMPRENSA DE MASSA: INTERAGENDAMENTO E CONTRA-AGENDAMENTO	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.0431925033	
CAPÍTULO 4	33
MÍDIA NINJA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES AUDIOVISUAIS, POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO	
Valéria Noronha de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0431925034	
CAPÍTULO 5	44
MANIFESTAÇÕES EM MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A COBERTURA DO SITE G1 E MÍDIA NINJA DA COPA DO MUNDO 2014	
Milton Julio Faccin	
Marcelo Vinícius Masseno Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0431925035	
CAPÍTULO 6	55
ENCHENTES DE 2017 NO RIO GRANDE DO SUL PELOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DE TENENTE PORTELA	
Lidia Paula Trentin	
Mônica Cristine Fort	
DOI 10.22533/at.ed.0431925036	
CAPÍTULO 7	67
O MONTE EVEREST EM “NO AR RAREFEITO” – UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA	
Taíssa Maria Tavares Guerreiro	
Deivid Santos Vieira	
Isabelle Caroline Rodrigues de Sá	
Kethleen Guerreiro Rebêlo	
Liam Cavalcante Macedo	
Marcos Felipe Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0431925037	

CAPÍTULO 8	77
“DANÇANDO SOBRE ARQUITETURA” - DESAFIOS ATUAIS DA CRÍTICA DE MÚSICA	
Rafael Machado Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.0431925038	
CAPÍTULO 9	89
ALBERTO DINES E O PAPEL DA CRÍTICA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA	
Diana de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.0431925039	
CAPÍTULO 10	103
DILMA ROUSSEFF: O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA	
Tylcéia Tyza Ribeiro Xavier	
Sílvia Ramos Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.04319250310	
CAPÍTULO 11	117
JORNALISMO, CULTURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS CAPAS DA ROLLING STONE BRASIL	
Luiz Henrique Zart	
DOI 10.22533/at.ed.04319250311	
CAPÍTULO 12	131
A PRESENÇA FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO DA TELEVISÃO ABERTA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “JOGO ABERTO”, DA BANDEIRANTES	
Érika Alfaro de Araújo	
Mauro de Souza Ventura	
DOI 10.22533/at.ed.04319250312	
CAPÍTULO 13	146
DIVERSINE, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA FÍLMICA PARA PENSAR A DIVERSIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO	
Hugo Bueno Badaró	
Thaumaturgo Ferreira de Souza	
Maria Lúcia Tinoco Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.04319250313	
CAPÍTULO 14	155
COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA	
Pablo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.04319250314	
CAPÍTULO 15	165
O HOMEM TRANS NA PUBLICIDADE: UMA ANÁLISE DO ANÚNCIO <i>UNLIMITED COURAGE</i> , DA MARCA NIKE	
Nicolau Jordan Girardi	
Adriana Stela Bassini Edral	
DOI 10.22533/at.ed.04319250315	

CAPÍTULO 16	180
VIOLAÇÃO DE DIREITOS LGBTI+ NA CAMPANHA DA RÁDIO JOVEM PAN PARA O DIA INTERNACIONAL DE COMBATE À LGBTIFOBIA	
Adriano Quaresma da Costa Armando Leandro Ribeiro da Silva Esthefany Carolyne Silva da Cruz Karen Isabela Leite Alcântara Matheus Henrique Cardoso Luz Lorena Cruz Esteves Suzana de Cassia Serrão Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.04319250316	
CAPÍTULO 17	192
EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250317	
CAPÍTULO 18	208
O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO	
Benalva da Silva Vitorio	
DOI 10.22533/at.ed.04319250318	
CAPÍTULO 19	222
UMA DISCUSSÃO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	
Alcilaine de Macedo Alencar Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.04319250319	
CAPÍTULO 20	235
A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS	
Rafaela Daima Lima Danielly Veloso Schulthais Andressa Zoi Nathanailides	
DOI 10.22533/at.ed.04319250320	
CAPÍTULO 21	245
A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS	
Krystal Urbano Maria Elizabeth Pinto de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250321	
CAPÍTULO 22	260
CULTURA ORGANIZACIONAL PROPÍCIA ÀS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA IDENTIFICAR OS TIPOS DE CULTURA ORGANIZACIONAL	
Maria José da Costa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250322	

CAPÍTULO 23	272
COMO O <i>OMBUDSMAN</i> DE DADOS PODE REFORÇAR A MULTIDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL?	
Wallace Chermont Baldo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250323	
CAPÍTULO 24	284
COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA EM CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA: RELACIONAMENTO COM OS PÚBLICOS-ALVO	
Karla Caldas Ehrenberg	
Ary José Rocco Junior	
Carlos Henrique de Souza Padeiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250324	
CAPÍTULO 25	297
OS PÚBLICOS PROJETADOS: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PROPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PELAS ORGANIZAÇÕES	
Márcio Simeone Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.04319250325	
CAPÍTULO 26	308
ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: PLANEJAMENTO E PÚBLICOS EM UMA CAMPANHA INCLUSIVA PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO	
Victor Said dos Santos Sousa	
Leonardo Santa Inês Cunha	
Lidiane Santos de Lima Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250326	
CAPÍTULO 27	322
COMUNICAÇÃO COTIDIANA DOS VALORES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL: REPRODUZINDO CULTURA NAS REDES SOCIAIS (OU NÃO)	
Maria Augusta de Castro Seixas	
Emmanuel Paiva de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04319250327	
CAPÍTULO 28	338
A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE RONDÔNIA	
Edna Mendes dos Reis Okabayashi	
Moacir José dos Santos	
Monica Franchi Carniello	
DOI 10.22533/at.ed.04319250328	
SOBRE A ORGANIZADORA	352

A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS

Rafaela Daima Lima

Universidade Vila Velha – UVV, Curso de
Jornalismo
Vila Velha – ES

Danielly Veloso Schulthais

Universidade Vila Velha – UVV, Curso de
Jornalismo
Vila Velha – ES

Andressa Zoi Nathanailides

Universidade Vila Velha – UVV, Curso de
Jornalismo
Vila Velha – ES

RESUMO: O artigo aborda as tradições da comunidade japonesa no Espírito Santo, o início da associação Nikkei e a sua rotina, como festivais, cursos de língua, esporte e eventos que envolvem os associados. Apresenta alguns personagens importantes na imigração japonesa no estado por meio da história oral, que também foi utilizada para entender a cultura, através de entrevistas com diferentes gerações, mostrando o ponto de vista de cada um sobre as tradições e costumes do Brasil, país em que decidiram se estabelecer. O trabalho também pretende ilustrar alguns dos principais aspectos culturais da comunidade, externados a partir de eventos promovidos pela instituição.

PALAVRAS-CHAVES: Associação Nikkei; Tradição japonesa; Cultura.

ABSTRACT: This paper proposes a study about the Japanese traditions in the state of Espírito Santo, the beginning of the Nikkei Association and its routine, such as festivals, language courses, sports and events that involve the associates. Introducing some important characters in the Japanese immigration in the state through oral history, that was also used to understand culture through interviews with different generations, showing their views about Brazilian traditions and customs, a country where they decided to establish themselves. This paper also aims to show some of the main cultural aspects of said community externalized through the events promoted by the Association.

KEYWORDS: Nikkei Association; Japanese Tradition; Culture.

1 | INTRODUÇÃO

O Japão depois da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) começou a evoluir economicamente e socialmente, na educação e na saúde. Com isso, houve o grande crescimento da população em um pequeno espaço, logo, um aumento de desemprego, ocasionando a imigração.

Um dos países que recebeu a maior parte dos imigrantes japoneses foi o Brasil, devido ao extenso território e à falta de mão de obra.

Desta forma, os imigrantes ajudaram na revolução industrial brasileira.

A imigração japonesa no Espírito Santo começou devido às siderúrgicas japonesas que se estabeleceram no estado. Conforme discorre SUZUKI (no prelo):

O Estado do Espírito Santo teve início ao grande salto na industrialização principalmente relacionado à siderurgia a começar pela implantação da COFAVI em 1967, Hitachi Metalmecânica-1977, ELETROPLANET Filial Vitória em 1977, start-up da NIBRASCO em 1978 e CST cujo start-up em 1983. (SUZUKI, no prelo)

Nesta época teve um grande crescimento da industrialização capixaba e a presença nipônica foi um dos principais motivos para este acontecimento. (SUZUKI, Prelo)

Cada trabalhador trouxe a sua família e com isso o número de membros da comunidade foi aumentando. Eles vinham principalmente de outros estados, como São Paulo e Paraná, com o maior fluxo migratório japonês. De 1977 a 1994 foi criada por parte da Companhia Siderúrgica Tubarão (CST), “*Sociedade Civil de Divulgação Cultural e Educacional de Vitória*”, uma organização para amparar os imigrantes e seus dependentes. Em 1981, criaram a “*Sundayclub*”, um clube voltado ao entretenimento dos *Isseis* (Primeira geração, os japoneses imigrantes) e os *Nisseis* (Segunda geração, filhos nascidos no território brasileiro).

Este clube deu origem à *Associação Nikkei Vitória*, o núcleo da comunidade japonesa no estado. Esta é a responsável pelo curso de língua japonesa, pelos esportes, atividades e por repassar as tradições nipônicas para os descendentes e pessoas interessadas na cultura oriental. Alguns dos pontos principais são os festivais culinários que apresentam “novas” comidas japonesas para o povo capixaba. (SUZUKI, Prelo)

No início, o papel principal da associação era fornecer um estudo adequado equivalente ao país de origem para as famílias dos imigrantes, mas depois de alguns anos a instituição ganhou outros objetivos sendo o principal transmitir a cultura nipônica para os capixabas, pois muitos associados nos dias atuais são não-descendentes casados com japoneses ou famílias que possuem algum vínculo com a associação. (SUZUKI, no prelo)

2 | ASSOCIAÇÃO NIKKEI EM VITÓRIA

O Espírito Santo passou por um processo intenso de industrialização, principalmente na área siderúrgica. Foram implantadas no estado empresas como Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi), Eletro Planet e Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), entre os anos de 1967 e 1983. Segundo Minetaka Suzuki (no prelo), “junto com essas empresas vieram Técnicos, Engenheiros e Administrativos japoneses, e para compor as equipes de coordenação da empresa foram contratados muitos técnicos de cada especialidade com conhecimentos de idioma japonês [...]”.

Suzuki (no prelo) explica que:

Com a siderúrgica CST vieram se estalar na Grande Vitória o grupo Kawasaki Steel Corporation, e a empresa com obrigação de dar amparos para os seus funcionários criou a “Sociedade Civil de Divulgação Cultural e Educacional de Vitória”. Tendo em vista o aumento da população japonesa e de seus descendentes, foi fundada em 1984 a Associação Nikkei (SUZUKI, no prelo).

De acordo com o estudo mais recente realizado 2012, são cerca de 110 famílias que estão cadastradas na associação, cerca de 345 pessoas, sendo 100 famílias com descendência nipônica e dez não nipônica.

De acordo com dados divulgados pela Central Intelligence Agency (CIA) em 2016, o Brasil é o país que possui o maior número de japoneses e descendentes fora do Japão, são mais de 1,6 milhão de pessoas. O “Bairro da Liberdade” localizado na cidade de São Paulo abriga a maior colônia japonesa do mundo fora do Japão.

Diferente da comunidade nipônica de São Paulo, no Espírito Santo os japoneses e descendentes vieram de outros estados, de forma que emigração fora estimulada sobretudo pela siderurgia.

3 | A PRESENÇA JAPONESA

A presença do Japão no Brasil teve a sua principal importância no crescimento industrial. Segundo Saito (1989), o fluxo migratório ocorreu em três fases, diferenciando-se pelo contato que os imigrantes tinham com o seu país de origem e seus objetivos no Brasil.

A primeira fase ocorreu entre 1908 a 1941 e ficou conhecida pela vinda dos imigrantes agrícolas para suprir a falta de mão de obra nas lavouras de café. Já a segunda ocorreu na época pós-guerra, entre 1953 a 1962, quando o fluxo migratório declinou devido à crescente industrialização no Japão. A última dessas fases começou na década de 60 e continua até nos dias atuais, havendo o aumento de imigração devido às montagens de empresas japonesas no território brasileiro.

Essa nova modalidade de imigração alcança seu ponto culminante no quinquênio de 1969 a 1973, período cognominado de ‘milagre brasileiro’, transferiram-se e / ou instalaram-se mais de 300 empresas nesse quinquênio, em variados setores de atividades industriais, comerciais e financeiras, quer aplicação do capital exclusivo, quer mediante a participação na forma de *joint-venture*. (SUZUKI, 1980, p.84)

Segundo Saito (1989), nas duas primeiras fases, os imigrantes tinham um bom relacionamento, chamado de “espírito da colônia”, porém não ocorre o mesmo com o advento da terceira fase empresarial, devido ao tempo limitado de permanência e grande ligação com o país de origem. Na época de 1908 a 1962, os *nikkeys* que vinham para o Brasil estavam à procura de uma nova qualidade de vida para eles e para sustentar o restante da família que permanecia no Japão, pois geralmente vinha um dos filhos mais velho a procurar emprego. Quando vinham para o Brasil, muitos acabaram por fixar suas permanências, constituindo suas próprias famílias a partir do casamento com brasileiras, fato que implicou na reconfiguração identitária do referido

grupo.

4 | IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE NACIONAL

O Japão é conhecido por suas tradições e uma das mais importantes, é o respeito com os mais velhos. Com a crise no Japão pós-guerra, muitos vieram para o Brasil à procura de qualidade de vida e crescimento financeiro. Como é muito comum nos fluxos migratórios, após constituir família, decidiram não mais regressar à terra natal. A presença desses imigrantes e seus descendentes inevitavelmente, acarretou novos contornos culturais que revelam em formas híbridas o encontro entre as duas culturas. “[...] a cultura brasileira inevitavelmente adquirida, passa a fazer parte da vida de tais descendentes que, além de conviver com os hábitos japoneses, também se sentem vinculados ao Brasil.” (ALMEIDA, 2007, p.7)

Segundo Almeida (2007), os descendentes entendem a importância da mistura da tradição nipo-brasileira, devido ao papel dos japoneses na identidade nacional.

5 | HISTÓRIA ORAL

A base principal para realização deste artigo é a História Oral, que consiste em recolher informações baseadas em experiências vividas por diferentes gerações e povos. Segundo Thompson (1998, p.197) “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.”

Através de observações de historiadores orais, foi possível constatar que fontes mais idosas, por terem mais experiências, relatam casos específicos com enorme quantidade de detalhes. De acordo com Thompson (1998, p.204), tais fontes “[...] ao narrar sua história usam o ‘eu’ ativo, tendo como certo serem eles mesmos o sujeito de suas ações por meio das formas de falar que utilizam.”

Para colher as informações necessárias, é preciso estruturar uma boa entrevista com perguntas que possibilitam extrair ao máximo todos os conhecimentos do entrevistado, permitindo ao entrevistador se aprofundar no assunto.

De acordo com Thompson (1998), um bom entrevistador deve conter habilidades e qualidades essenciais para alcançar uma entrevista bem-sucedida como, por exemplo, deixar a fonte falar e buscar compreender da melhor maneira possível o que foi passado, sem contestar sempre. Para Thompson (1998, p.254) “Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas.” (sic)

As entrevistas são realizadas a fim de conceder a quem está entrevistando, conhecimentos sobre o assunto abordado. Entretanto, algumas fontes buscam testar

as habilidades do historiador oral, passando a ideia de inversão de papéis, quando o entrevistado vira entrevistador. Essa atitude dificulta o andamento do diálogo, assim, o profissional deve manter a calma e contornar a situação.

As perguntas de uma entrevista podem ser feitas através de questionários fechados, em que as respostas são curtas e diretas, ou de forma livre, quando se podem obter respostas mais amplas e memoráveis das experiências vividas. Segundo Thompson (1998, p.258) “O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro ‘subjetivo’ de um homem [...]”.

Essas técnicas foram utilizadas em todas as entrevistas realizadas para a construção deste artigo e, a partir delas, obtiveram-se informações e dados essenciais de como viveram e como foi o processo de imigração das primeiras gerações descendentes japoneses no estado do Espírito Santo.

6 | A ENTREVISTA: INSTRUMENTAL DE COLETA DE DADOS

A entrevista é uma conversa que tem como objetivo obter informações sobre determinada pessoa ou assunto. Segundo Scheuch (1973, p.171-172) “Ela tornou-se técnica clássica de obtenção de informação nas ciências sociais, com larga adoção em área como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia.” (apud BARROS e DUARTE, 2014, p.62)

A entrevista utilizada para a realização desse artigo é a individual em profundidade, que consiste em recolher respostas a partir de experiências vivenciadas pela fonte. Para obter o sucesso desejado, o questionário, que será dirigido ao entrevistado, deve estar estruturado de forma que permita uma grande exploração e aprofundamento do assunto. De acordo com Barros e Duarte (2014, p.63) “[...] as perguntas possibilitam ainda identificar problemas, micro interações, padrões e detalhes, obter juízo de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada.”

As entrevistas são classificadas de três formas distintas: aberta, semi-aberta e fechada. A primeira é marcada por fluir livremente, podendo ser aprofundada em qualquer momento do diálogo, não tendo uma sequência de perguntas e nem um parâmetro de respostas. Já a segunda possui um roteiro a ser seguido, porém a lista de questões-chaves pode ser adaptada ao longo da conversa. E a terceira tem a finalidade de comparar as respostas de vários entrevistados, impondo a mesma pergunta a todos, nesse caso não há um debate do assunto entre o entrevistador e o entrevistado. (apud BARROS e DUARTE, 2014)

Utilizando essa técnica de entrevista, o analista possui a liberdade de gerar pareceres e críticas ao assunto. Para Barros e Duarte (2014, p.81) “[...] mais do que uma

técnica de coleta de informações interativa baseada na consulta direta de informantes, a entrevista em profundidade pode ser um rico processo de aprendizagem [...]”

Para garantir a segurança no momento da coleta de informações, foram utilizados também instrumentos como, caderneta de anotações, gravador, telefone e internet.

Ressalta-se o fato de que as falas foram transcritas integralmente, visando obter a máxima aproximação com a autenticidade do depoimento dos entrevistados.

7 | ENTREVISTA COM AMANDA YUKI

Os avôs de Amanda Yuki vieram para o Brasil e tiveram seus filhos. Eles cresceram e se conheceram, tendo sempre a cultura japonesa muito presente em suas vidas. Eles se casaram e voltaram para o Japão em 1997, e em 1998 a Yuki nasceu em Hiroshima.

Viveram vários anos no Japão, mas os pais de Yuki sofreram muito preconceito, pois mesmo tendo características orientais eles eram considerados estrangeiros por terem nascido no Brasil, sendo assim, não foram reconhecidos pelos vizinhos e colegas de trabalhos, o que ocasionou dificuldades para continuarem vivendo na “Terra do Sol Nascente”. Outro ponto importante foi que não conseguiram registrar a Yuki e seus irmãos no Japão. Amanda disse que não chegou a sofrer *bullying*, mas que esta era uma realidade muito presente na escola em que estudava, principalmente se alguém possuía características não orientais.

Seus pais decidiram voltar, pois sobreviver no Japão ficou mais difícil a cada dia, e pensando em seus filhos, a família decidiu se mudar para o Brasil. Inicialmente, foram morar em São Paulo, onde Amanda e seus irmãos aprenderam a Língua Portuguesa.

“Aprendi português, entrei no ensino médio e comecei um treinamento que ouvia conversas em português. A escrita no Japão, as palavras são soltas, e aqui treinava escrevendo corrido no Kumon.” (YUKI, 2018).

Ela aprendeu português no Kumon e disse que foi bem difícil e que ainda hoje, após cinco anos desde que chegou ao Brasil, possui dificuldades com algumas colocações e na escrita. Várias mudanças ocorreram para que adaptar-se à cultura brasileira, e um dos fatos mais chocantes para ela foi a presença de mendigos, a desorganização e sujeira nas ruas.

“Eu achei que mendigo era tudo de televisão, ai na primeira vez que eu vi eu falei ‘é TV?’ e a minha mãe falou que aqui tinha isso e fiquei muito chocada. E as ruas também, no Japão é tudo certinho e aqui não, e isso me chocou.”(YUKI, 2018)

Para Yuki, outro choque de cultura foi o contato físico que faz com que a cultura brasileira difere-se da japonesa, como por exemplo, abraçar as pessoas quando acabam de se conhecer. Ela estranhou no início mas depois se acostumou, porém seus pais ainda possuem dificuldades com o contato físico até hoje, pois é diferente da cultura que está enraizada.

“Nossa, eu fiquei parada tipo robô ‘o que ele está fazendo em mim’, mas depois eu percebi que é normal. Para me acostumar foi difícil, agora já me acostumei. No início falava, ‘sem abraço’, ‘não abraça’, mas com o tempo eu acostumei, mas foi difícil no começo.”

Ela permaneceu durante dois anos em São Paulo e depois seus pais decidiram vir para o Espírito Santo, pois já tinham morado no estado.

Quando chegou ao solo capixaba, alguns de seus amigos de Yuki falaram sobre a associação Nikkei, logo, ela foi procurar a instituição, pois já dava aulas particulares de japonês. Quando chegou, descobriu que um dos associados era conhecido de sua avó, pois na época que seus pais e avós moravam no Brasil, ele tinha uma loja de fotografia em frente ao restaurante de sua família.

Quando cheguei lá tinha uma pessoa que conhecia a minha avó, pois ela teve o primeiro restaurante japonês do espírito santo e em frente tinha uma loja de fotografia do Irie san, então a minha avó conheceu e conseguiu intimidade, e aí que eu consegui, pois ele falou que a professora voluntária ia embora e iria precisar de uma professora e como estava aumentando os alunos na escola, foi uma chance para mim. (YUKI, 2018. Entrevista)

Yuki leciona na Associação Nikkei aulas particulares de japonês e participa dos eventos promovidos pela instituição.

8 | MATÉRIA E ENTREVISTA DO SHIRO IRIE

Shiro Irie é nascido em Taiwan durante a Segunda Guerra Mundial em 1943. Na entrevista, ele conta sobre o local em que nasceu: “Na época Taiwan pertenceu ao Japão mais de 50 anos, Mesmo nascendo em Taiwan meu registro é tudo no cartório de Japão” (IRIE, 2018. Entrevista)

Quando tinha 14 anos de idade, Irie imigrou com sua família para o Brasil, permanecendo inicialmente no interior de São Paulo para trabalhar em uma lavoura de café. Depois de alguns anos seus pais se mudaram, mas ele continuou no mesmo local, pois, estudava em uma escola e começou a trabalhar como aprendiz em um estúdio fotográfico. Para se aprimorar na área, ele teria que fazer um curso e conseguir equipamentos mais profissionais. Irie teve uma oportunidade de realizar a cobertura fotográfica da comitiva japonesa que veio para a comemoração dos 400 anos do Rio de Janeiro. Assim conseguiu aprimorar suas técnicas na fotografia no Japão.

Nesta comitiva estava o gran mestre do cerimônia do chá do estilo Owara, 15ª mestra da linhagem Ura Senke, o Sr. IremotoHou Um, que foi designado como representante cultural do Japão. Uma tia do Sr. Irie era representante do estilo Owara da cidade Kita Kyushu e por intermédio da indicação dela, o Sr. Irie fez a cobertura fotográfica da comitiva durante a estada no Brasil. Através do encaminhamento do Sr. Kasuhiko Kudo que fazia parte desta comitiva e professor da cerimônia do chá, o Sr. Irie conseguiu uma oportunidade de aprofundar nas técnicas fotográficas no Japão. (MATSUDA, 2013,p.2)

Irie fez um curso de cinco anos em um estúdio fotográfico em Tóquio, quando retornou para o Brasil montou um estúdio em São Paulo, mas depois escolheu se

mudar para o Espírito Santo, e veio com alguns equipamentos fotográficos. Quando chegou ao solo capixaba montou a sua loja de fotografia “Foto Japan” situada na Mata da Praia, em Vitória, em 1974.

No início o estúdio não tinha clientes, mas com a vinda de outros japoneses para o estado tornaram-se conhecidos e a clientela passou a aumentar.

Irie participou da organização da associação Nikkei no início, e continua até os dias de hoje. Após trinta anos, os filhos dos associados partiram para outros estados ou para o Japão, mas a instituição continua ensinando a cultura para os descendentes e para a comunidade capixaba.

9 | ENTREVISTA COM HACHIRO OUCHI

Hachiro veio para o Brasil com dezenove anos em 1960, trabalhando inicialmente com sua família, que era dona de uma mercearia em São Paulo. Ele afirma que nos cinco primeiros anos foi difícil a adaptação, devido a cultura brasileira e a dificuldade com a língua portuguesa.

Hachiro se acostumou com o novo país, quando começou a conhecer outros japoneses e entrou em um cursinho para aprender português, já que queria prestar vestibular. No Japão ele estudava para cursar medicina, mas quando tentou aqui no Brasil sentiu dificuldade devido a língua, por isso escolheu economia, pois tinha facilidade com os números.

“Fui escolher uma área que tem menos complicação. Matemática e inglês pois eram matérias que eram comum no Japão. Terminei curso de economia e fiz pós-graduação em economia também.” (OUCHI, 2018. Entrevista)

Depois que terminou os estudos recebeu uma proposta de um amigo para ir para o Espírito Santo para trabalhar na Vale do Rio Doce. Ele permaneceu no estado de 1974 a 1989, durante quinze anos, após este período foi transferido para um escritório da Vale em Tóquio, onde ficou por cinco anos. Quando retornou para o Brasil foi para o Rio de Janeiro, e depois de cinco anos a filial que trabalhava fechou, sabendo desta situação, um amigo de Hachiro o chamou para retornar ao solo capixaba, ficando até 2001. Após esta data, foi para Belo Horizonte permanecendo no local até 2006, depois se aposentou.

“O chefe me chamou e disse que já estava na hora de me aposentar, tinha mais de 35 anos de trabalho, muito mais, e depois voltei para cá em 2007 por aí e voltei para a atividade da associação no cargo de presidente.” (OUCHI, 2018. Entrevista).

Quando retornou para Vitória, recebeu a presidência da associação Nikkei, ficando cinco anos no cargo, depois passou para Nakamura. Após ficou com função de diretor da Escola de Língua Japonesa (EMOJAVI - abreviação da sigla japonesa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes japoneses realizaram a migração para o Espírito Santo tardiamente, começando por volta de 1960 devido às siderúrgicas japonesas que se instalaram no estado. Com a vinda dos funcionários e de suas respectivas famílias, houve a necessidade de uma instituição que ensinasse a língua japonesa com a mesma qualidade do Japão, assim criou-se a Associação Nikkei que passou por diversas transformações ao longo desse tempo.

Quando os japoneses chegam ao Brasil, enfrentam algumas dificuldades para se adaptar devido às diferenças culturais. Amanda Yuki, nos primeiros contatos com os brasileiros na época do ensino médio relatou que sentiu desconforto quando as pessoas lhe abraçavam e seus pais até nos dias de hoje não conseguem se acostumar com algumas atitudes.

Já Hachiro sentiu dificuldades de aceitação devido ao jeito que os clientes os tratavam, principalmente a forma de se comunicar. Isso é muito frequente entre os imigrantes, ou estranham o local pelo modo e costumes da sociedade ou pela língua. No caso do Brasil o português é uma das línguas mais difíceis por suas variantes, e também se diferencia da língua japonesa. Irie teve dificuldades, pois trouxe técnicas de sua profissão, a fotografia, na qual o povo capixaba não sabia a necessidade de tal serviço, mas teve progresso com a chegada de outros imigrantes japoneses.

A Associação Nikkei possui o papel de unir as duas culturas, promovendo alguns eventos e festivais tradicionais do Japão, como a excursão para ver as cerejeiras (hanami) em Domingo Martins que acontece em julho, e o festival culinário, um evento que ocorre duas vezes por ano e oferece vários tipos de comidas típicas. Estas são formas de transmitir para os associados que preservam suas conexões japonesas e também traz para as pessoas que se interessam por esta cultura, um maior contato com as tradições nipônicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra. **Imigração japonesa e identidade nacional**. Brasília: Monografia do Centro Universidade de Brasília, 2007.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2014.

OUCHI, Hachiro. **Depoimento**: 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

SAITO, Hiroshi (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SHIRO, Irie. **Explicação sobre seu nascimento em Taiwan**. Vitória. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima, Vitória, 6 de junho de 2018.

SHIRO, Irie. Salto a uma terra nova somente com uma câmera. **Jornal São Paulo Shimbun**, São Paulo, 26 de maio de 2013. Entrevista concedida a Massao Matsuda.

SUZUKI, Minekata. **História da comunidade japonesa de vitória**. Vitória: No prelo, s.d. THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1998.

YUKI, Amanda Kato. **Depoimento**: 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-204-3



9 788572 472043